

COMPREENDER É VER

Anna Rachel Machado Paes de Barros (PUC-SP)

"Sou um guardador de rebanhos.  
O rebanho é os meus pensamentos  
E os meus pensamentos são todos sensações.  
Penso com os olhos e com os ouvidos  
E com as mãos e os pés  
E com o nariz e a boca.

Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la  
E comer um fruto é saber-lhe o sentido".

.....

Alberto Caieiro

I. INTRODUÇÃO

A análise de fenômenos lingüísticos relacionados a uma certa sub-classe de verbos de percepção, constituída por verbos como VER, OUVIR e SENTIR, tem atraído nossa atenção devido a fatores de ordem sintática, semântica e filosófica.

Do ponto de vista sintático, tais verbos, em português, têm uma distribuição peculiar, podendo ocorrer com os mais diferentes tipos de complementos<sup>1</sup>. Entre estes merecem destaque, por aparecerem sô com os verbos de percepção e com os causativos, os complementos com verbo no infinitivo, que, excepcionalmente, podem apresentar-se com a F.N. sujeito na posição padrão, sem inversão obrigatória, ou que podem a apresentar-se com a F.N. sujeito cliticizada ao verbo na oração matriz, quando ela for pronominal. Desse modo, ao lado dos complementos com que de (1a), podemos ter (1b) e (1c):

- (1) a. Vi que os meninos saíram.
- b. Vi os meninos saírem.
- c. Vi-os sair.

O mesmo não ocorre com outras sub-classes de verbos, onde se inserem,

por exemplo, OLHAR e JULGAR, que apresentam restrições quanto ao tipo de complemento, como se pode ver em (2) e (3).

- (2) a. Julguei que os meninos saíram.  
b. \*Julguei os meninos saírem.  
c. \*Julguei-os sair.
- (3) a. \*Olhei que os meninos saíram.  
b. Olhei os meninos saírem.  
c. Olhei-os sair.

Do ponto de vista semântico, chama-nos a atenção o fato de que tais verbos (em português, especialmente VER e SENTIR) podem apresentar, no mínimo, duas leituras: uma mais concreta, diretamente relacionada aos sentidos físicos correspondentes aos verbos ("ver com os próprios olhos", por exemplo), e outra mais abstrata, não diretamente relacionada aos sentidos, que pode ser parafraseada por "compreender", "acreditar", "entender". Exemplo da primeira se encontra em (1b) e da segunda, em (4):

- (4) a. Vi que seu argumento é falho.  
b. Senti que seu argumento é falho.

Esse fato de ordem semântica assumiu para nós maior grau de interesse e relevância, ao verificarmos que CAPLAN (1973) constatou que essas leituras abstratas são possíveis para verbos referentes à visão, audição e tato, não só em inglês, mas também em outras línguas indo-europeias e pelo menos em algumas línguas não indo-europeias como o chinês, por exemplo.

Similarmente, o Oxford English Dictionary, segundo HACKING (1978) traz a seguinte observação sobre VER: "Como o sentido da visão fornece uma informação mais completa e definida a respeito dos objetos externos do que qualquer um dos outros sentidos, as percepções mentais são, em muitas (talvez em todas) línguas, referidas em termos visuais, frequentemente com pouca ou nenhuma consciência de metáfora".

Essas observações fazem-nos crer que estamos diante de fatos linguísticos mais ou menos universais, cujo estudo pode nos levar a uma maior compreensão de como funciona a linguagem humana. Além disso, elas nos levam a levantar a hipótese de que aí pode estar implicada uma relação entre elementos linguísticos e extra-linguísticos, refletindo-se na linguagem a forma como percebemos e conhecemos o mundo, o que seria um dado favorável à teoria da Linguística Experiencial proposta por LAKOFF (1980).

Do ponto de vista filosófico, também há interesse no estudo dos aspectos semânticos desses verbos, na medida em que grande parte da literatura filosófica tem sido dedicada à relação entre percepção e conhecimento, que são justamente os conceitos implicados no significado desses verbos. KANT (1963), por exemplo, considerava a percepção como "representação com consciência, distinguindo-a em sensação, se ela tiver referência somente ao sujeito e conhecimento, se for objetiva". RUSSELL (1978), por sua vez, afirma que "todo conhecimento humano de questões fatuais é em parte cau-

sado por percepção". Discutindo essa relação, CHISHOLM (1969) distingue o uso proposicional desses verbos de seu uso não-proposicional, concluindo que o primeiro implica conhecimento e o segundo não. BACON (1978) toma outra posição, ao considerar que ver um objeto (não necessariamente veridicamente) é vê-lo como algo, onde ver como é por sua vez analisável por meio de ver proposicional (não necessariamente verídico). Para ele, portanto, não se pode separar o que ele chama de percepção judicativa das sensações.

Do lado da Lingüística, a análise semântica mais completa que conhecemos, para o inglês, é a de ROGERS (1971), que propõe uma representação semântica provisória para esses verbos em que, em algum nível de abstração, eles todos significam a mesma coisa, exceto pelo fato de que representam percepção de diferentes tipos de dados sensoriais. Essa representação envolveria os componentes PERCEIVE-DO-THINK, aglutinando, portanto, percepção física, conhecimento e uma relação causal entre ambos.

Uma análise diferente é feita por PERINI (1974), em sua tese de doutorado destinada ao estudo do infinitivo em português, estudo este feito nos moldes da G.T. padrão. Para o autor, esses verbos constituem pares de verbos homófonos. Assim, VER, OUVIR e SENTIR, teriam o significado de "percepção sensorial", parafraseado por "ver com os próprios olhos", "ouvir com os ouvidos", "sentir com o tato", e entrariam no contexto - FN 0, cuja FN seria não-abstrata. Por outro lado, VER<sub>2</sub>, OUVIR<sub>2</sub> e SENTIR<sub>2</sub> teriam significado de "percepção intelectual", parafraseado por "compreender", "saber", "entender", e entrariam no contexto - 0. PERINI relaciona essas conclusões ao fato de que verbos como olhar (de percepção sensorial) são tomam complementos com infinitivo ou FNs não-abstratas enquanto verbos como compreender (de percepção intelectual) são tomam complementos com que ou FNs abstratas.

Sob esta tese, encontramos, no mínimo, o pressuposto de que as relações gramaticais estabelecidas pela base são as únicas pertinentes para a interpretação semântica, constituindo a estrutura profunda.

Além disso, podemos deduzir de suas considerações, que, para PERINI o conceito de percepção sensorial é independente do conceito de percepção intelectual, com itens lexicais próprios para expressar cada um deles, sem nenhuma conexão sistemática e passível de descrição.

O que pretendemos, nesse trabalho, é, em primeiro lugar, examinar a validade do pressuposto apontado para uma explicação adequada dos aspectos semânticos de orações em que entram os verbos de percepção mencionados.<sup>2</sup>

Para tanto, verificaremos se há realmente a correlação pretendida por PERINI entre a ocorrência dos diferentes significados e dos diferentes complementos que o verbo toma. Caso isso não ocorra, o pressuposto estará em xeque.

A seguir, tentaremos demonstrar que a variação de significado mais constante não pode ser colocada em termos de uma dicotomia absoluta entre sensorial/intelectual, mas em termos de gradação do controle que o sujeito tem sobre a ação expres-

sa pelo verbo, determinando proeminência maior ou menor de cognição ou percepção.

Finalmente, avaliaremos a hipótese de que os significados diferentes estão sistematicamente correlacionados e podem ser explicados em termos de um processo metafórico que subjaz não só ao uso da linguagem, mas também ao pensamento e ação humanos.

## 2. O SIGNIFICADO DOS VERBOS DE PERCEPÇÃO NO CONTEXTO - QUE

Ao examinarmos orações com verbos de percepção seguidos de complementos com que, verificamos que esses verbos apresentam aí o significado de percepção intelectual, mas não exclusivamente. Assim sob determinadas condições, temos ambigüidade, pois o significado pode ser tanto de "percepção intelectual" como de "sensorial" (admitindo-se por ora que aceitamos essa distinção). Isso ocorre, por exemplo, quando:

- a) o tempo do verbo da O encaixada é o mesmo do verbo da O matriz;
- b) o complemento indica algo que pode ser percebido adequadamente pelo sentido (visão, audição e tato) correlacionado ao verbo da O matriz.

Assim, para as orações:

- (5) a. Vi que Maria estava chorando.
- b. Senti que a temperatura estava abaixando.

podemos ter duas interpretações: ou os fatos expressos nos complementos foram percebidos diretamente pelos sentidos correlacionados aos verbos da matriz (visão, tato e audição, respectivamente), ou foram o resultado de uma dedução a que se chegou por meio de outros fatos percebidos, não necessariamente através dos sentidos correlacionados aos verbos. Assim, podemos ter:

- (6) a. Vi que Maria estava chorando, porque escutei.
- b. Senti que a temperatura estava abaixando, porque começou a nevar.

Em outras palavras, podemos dizer que, numa leitura possível, (5a) e (5b) englobam

- (7) a. Vi Maria.
- b. Senti a temperatura.

e que na outra leitura, não há tal englobamento<sup>3</sup>. Por outro lado, só o significado de "percepção intelectual" pode ocorrer em orações com VER e SENTIR seguidos de complemento com que, quando:

- a) o tempo da oração encaixada é diferente do tempo da oração matriz;  
e/ou
- b) o complemento indica algo que não pode ser adequadamente percebido pelos sentidos correlacionados aos verbos da oração matriz.

Assim, só o significado de "compreender" está presente nas orações abaixo:

- (8) a. Vejo que Paulo sairá logo.  
 b. Sinto que Paulo sairá logo.
- (9) a. Vi que seu argumento estava falho.  
 b. Senti que seu argumento estava falho.<sup>4</sup>

Além disso, observamos ainda que tanto VER como SENTIR podem, nesse contexto, assumir o significado de "perceber por qualquer sentido", desde que os tempos das orações sejam os mesmos, como em:

- (10) a. Você não { viu } que o telefone tocou?  
 b. { sentiu }
- (11) a. Você não { viu } que a sopa estava salgada?  
 b. { sentiu }
- (12) a. Você não { viu } que havia um cheiro ruim?  
 b. { sentiu }

em que temos, respectivamente, o significado de "perceber pela audição", "perceber pelo paladar" e "perceber pelo olfato".

Portanto, pela descrição feita, cai por terra a afirmação de que esses verbos, nesse contexto, têm sempre o significado de "percepção intelectual".

### 3. O SIGNIFICADO DOS VERBOS DE PERCEPÇÃO NO CONTEXTO - FN INFINITIVO

É indubitável que, numa primeira impressão geral, o significado mais evidente desses verbos é o de "percepção através do sentido correlacionado ao verbo" ou "percepção sensorial", como em (1b). Entretanto, esse significado não é o único a ocorrer e, contrariamente ao que PERINI afirma, podem aparecer aí, como objetos de VER e SENTIR, FNs. abstratas, ao contrário do que ocorre com os verbos de percepção puramente sensorial. Assim, podemos ter:

- (13) a. { Vi } o desespero tomar conta de Paulo, porque, do meu quarto, eu  
 b. { Senti } o ouvia gritar cada vez mais.

mas não:

- (14) \*Olhei o desespero tomar conta de Paulo.

É óbvio que, em (13a) e (13b), sendo os verbos seguidos de FN. abstrata, não ocorre aí o significado de "percepção sensorial", mas o de "percepção intelectual".

Mesmo tomando FNs. não-abstratas é possível encontrarmos, nesse contexto, os verbos VER e SENTIR com o significado de "percepção intelectual". Isso pode ocorrer, por exemplo, quando:

a) a FN sujeito do infinitivo for co-referencial à FN sujeito da oração matriz;

ou

b) quando o verbo da oração encaixada indicar um estado mental que não pode ser diretamente percebido pelos sentidos.

Assim temos:

(15) a. Eu me  $\left\{ \begin{array}{l} \text{via} \\ \text{sentia} \end{array} \right\}$  morrer aos poucos.  
b.

(16) a.  $\left\{ \begin{array}{l} \text{Vi} \\ \text{Senti} \end{array} \right\}$  a Maria esquecer de Paulo, assim que ele a deixou  
b.

Tanto em (15) como em (16), não podemos dizer que temos o significado de "ver com os olhos" e "sentir pelo tato".

Assim como já verificamos que não há correlação constante entre a ocorrência dos complementos com que e o significado de "percepção intelectual", observamos agora que não existe também correlação constante entre a ocorrência dos complementos com infinitivo e o significado de "percepção sensorial".

Portanto, podemos concluir que não são sô as relações gramaticais estabelecidas pela base que são pertinentes para o significado. Na verdade, os significados de "percepção sensorial" e "percepção intelectual" aparecem correlacionados a outros fatores semânticos referentes às orações encaixadas.

#### 4. UMA DIFERENÇA DE SIGNIFICADO CONSTANTE: PROEMINÊNCIA DE PERCEPÇÃO OU COGNIÇÃO

Desde que não é possível correlacionar os significados de "percepção sensorial" e "percepção intelectual" aos tipos de complemento que os verbos tomam, tentaremos verificar, nesta parte do trabalho, se é possível estabelecer uma diferença de significado constante relacionada aos dois tipos de complemento.

RIDDLE (1975), prosseguindo investigações de KARTTUNEN (1974, aulas) observou que, com um número bastante grande de verbos, aparecem diferenças de interpretação entre orações com que e com infinitivo. Segundo a autora, com o infinitivo, rompendo-se a marca de independência proposicional, há um estreitamento da relação entre o sujeito e o objeto, uma diminuição da autoridade ou distância. Esse fato pode ser observado em português, por exemplo, em orações em que entram verbos causativos. Assim, em:

(17) a. João mandou Maria sair.

b. João mandou que Maria saísse.

a interpretação de (a) é de que a ordem foi dada diretamente a Maria, e a interpretação de (b) pode ser de que a ordem foi dada indiretamente, através de outra pessoa.

Seguindo a mesma linha, BORKIN (1973) registrou várias alterações de

significado entre orações com that, orações com infinitivo e com o apagamento de to be, querendo demonstrar com isso que determinados processos de desintegração sintática são paralelos a uma desintegração semântica, fazendo com que os complementos reduzidos sejam interpretados como mais dependentes da experiência pessoal ou da percepção individual.

Desse modo, verbos que envolvem percepção sensorial e cognição parecem funcionar da seguinte maneira: cognição é mais proeminente com orações com que e me nos proeminentes com apagamento de ser ou estar. Em outros termos, se há um raciocínio maior envolvido, são podemos usar orações com que, mas, se há evidência sensorial direta, podemos usar tanto orações com que como sem que. Isso explica porque (19)a e (19)b são possíveis, enquanto (18)b não o é.

- (18) a. Paulo viu que a nossa premissa básica estava errada.  
b. \*Paulo viu errada a nossa premissa básica.

- (19) a. Paulo viu que a porta da frente estava aberta.  
b. Paulo viu aberta a porta da frente.

Podemos ainda, tendo em mente as idéias expostas, explicar orações como as de (13), (15) e (16). Exemplificando com (16)a.,

- (16) a. Vi a Maria esquecer-se de Paulo, assim que ele a deixou.

verificamos que, embora não haja percepção visual direta expressa, temos o sentido de que o fato de Maria esquecer-se de Paulo foi percebido instantaneamente por Maria, não necessariamente pela visão, mas sem controle sobre a ação, isto é, sem participação intelectual ativa.

Resumindo, a diferença que se percebe no significado desses verbos de percepção, quando tomam complementos diferentes, é uma questão de gradação, de proeminência de um ou outro aspecto do verbo, de maior ou menor controle do sujeito sobre a ação.

## 5. UMA METÁFORA QUE DÁ SIGNIFICADO À FORMA

Nesta parte do trabalho tentaremos verificar se é possível explicarmos os fatos discutidos na seção anterior, de acordo com a teoria da Linguística Experiencial proposta por LAKOFF e JONHSON (1980).

Para esses autores, a metáfora não é um caso extraordinário a ser considerado apenas na linguagem, mas é o que estrutura nosso sistema conceitual, na base do qual pensamos e agimos, e que se reflete em inúmeros aspectos da linguagem. Segundo os autores, "a essência da metáfora é compreender e experienciar um tipo de coisa em termos de outra". Esse processo metafórico pode se aplicar não só ao conteúdo semântico das orações, mas também à própria forma delas. Isso se deve ao fato de que, como falamos em ordem linear, a fala está correlacionada com tempo e tempo é metafo-

ricamente conceitualizado em termos de espaço. Assim, nossos conceitos de espaço aplicam-se naturalmente às formas lingüísticas, sendo possível então que certas metáforas espaciais apliquem-se à forma de oração, ocasionando ligações diretas entre a forma e o conteúdo, o que faz que parte do significado da oração seja devida à forma.

Dessa forma, tanto em inglês como em português há a metáfora convencional:

- Proximidade é poder de efeito

cujo efeito semântico pode ser observado em orações como:

(20) Golbery era o homem mais próximo de Figueiredo.

que pode significar:

(21) Golbery era o homem que tinha efeito mais poderoso sobre Figueiredo.

Em orações com verbos de percepção, podemos dizer que essa metáfora pode se aplicar à relação entre forma e significado da seguinte maneira:

"Quanto mais próxima estiver a forma que indica o ser que percebe da forma que indica o que é percebido mais forte será a percepção".

Em outras palavras, nossa compreensão da oração será a de que o objeto é percebido diretamente pelos sentidos. Isso explicaria a diferença de significado entre as orações com verbos de percepção e complementos com que, e orações com infinitivo. Assim, as alterações sutis de significado que já registramos, não seriam consequência de nenhuma regra especial do português, mas de uma metáfora de nosso sistema conceitual que se aplica à forma da língua.

## 6. COMPREENSÃO E VISÃO

Resta-nos agora tentar dar uma explicação para os casos em que verbos como VER assumem o significado de "compreender", "entender", "saber".

Tendo em vista as limitações desse trabalho, esboçaremos aqui uma hipótese que poderá ser desenvolvida posteriormente. Seguiremos também aqui a proposta de LAKOFF (1980) citada anteriormente.

Partindo do princípio de que, segundo LAKOFF, "o fundamento das metáforas está no fato de que nós tipicamente conceptualizamos o não-físico em termos do físico, isto é, conceitualizamos o que é menos claramente delineado em termos do mais claramente delineado", admitiremos que há uma metáfora conceitual tal que:

### COMPREENSÃO É VISÃO

que estabelece similaridades entre compreender e ver. Assim, o conceito metafórico de ver idéias só nos chega em virtude dessa metáfora, que é baseada em outras metáforas, tais como:

a) IDÉIAS SÃO OBJETOS que podem, portanto, ser obtidas de fora por nós, serem fontes

de luz, serem visíveis.

Essa metáfora se apresenta linguisticamente em expressões como:

(22) Ele me deu uma idéia.

(23) Você não vai vender essa idéia.

(24) Essa idéia é brilhante.

(25) Precisamos verificar a forma do argumento.

b) A MENTE É OLHO.

que se manifesta em expressões como:

(26) Depois de cuidadoso exame, eu encontrei o erro.

(27) Observe esse raciocínio.

(28) Olhando bem, acabei aceitando seus argumentos.

Assim, as idéias podem ser "olhadas", contempladas pela mente" que, do mesmo modo que os olhos, precisa de luz, iluminação para serem percebidas adequadamente, como menos em:

(29) Você precisa esclarecer suas idéias.

(30) Não posso compreender suas idéias, porque são obscuras.

Portanto, os conceitos de compreensão e visão, embora sejam processos diferentes, são estruturados, compreendidos e expressos de forma semelhante. Como compreensão é mais abstrato, mais dificilmente delineada, definida, ela é conceituada em termos de visão.

Assim, sendo sistemático esse conceito metafórico, as formas linguísticas que usamos para falar sobre ele são sistemáticas, sendo as expressões do vocabulário de visão, sistematicamente usadas para falar sobre compreensão.

Essa explicação de fatos linguísticos aproxima-se da visão cartesiana de pensamento, segundo a qual as idéias são objetos de visão mental e "raciocinar sobre elas é como ver".

Indo além no nosso raciocínio, podemos ainda sugerir que essa metáfora deriva da estreita relação entre percepção e conhecimento. Assim, podemos considerar que para usarmos veridicamente a expressão

(31) Vejo um gato.

é necessário que tenhamos um conhecimento prévio sobre o que é um gato. Em outras palavras, conhecer habilita a ver. Por outro lado, é através da visão e do tato que percebemos objetos e daí deriva a maior parte de nosso conhecimento de questões fáticas. Assim, ver e sentir "causam" conhecer, compreender.

Ora, seria fácil, então, admitirmos que a linguagem reflete essas relações entre percepção e conhecimento, permitindo que justamente os verbos referentes à visão e ao tato sejam usados por compreender, e não os outros verbos referentes a outros sentidos.

## 7. CONCLUSÃO

Em síntese, procuramos demonstrar neste trabalho que a existência dos diferentes significados que se pode atribuir a verbos de percepção, como VER e SENTIR, é decorrência de um processo metafórico que caracteriza nosso sistema conceitual e que se reflete na linguagem, tanto na forma como no significado.

Consideramos que esse tipo de análise tem maior poder explanatório, na medida em que não só explica os fatos lingüísticos mas mostra também o isomorfismo existente entre os fatos não-lingüísticos e o uso de formas adequadas para expressar nossas percepções do mundo. Além disso, essa análise possibilita que encontremos determinados "universais", como é o caso do problema estudado, além do terreno lingüístico, já que os fatos lingüísticos não são considerados isoladamente, mas como fazem do parte de um sistema holístico do qual o conhecimento lingüístico é apenas uma parte.

---

## NOTAS

1. Apresentamos uma descrição comparativa da distribuição dessa sub-classe de verbos e de outras sub-classes em "Aspectos da Complementação de uma Classe de Verbos de Percepção" (1977).
2. Outros problemas encontrados na análise de PERINI já foram por nós discutidos em trabalho anterior, citado na nota (1).
3. Nas orações em que OUVIR toma complemento com que também há possibilidade de duas interpretações, mas em ambas o sentido da audição está necessariamente envolvido. Assim;  
(i) Ouvi que o telefone estava tocando.  
pode englobar que:  
(ii) Ouvi o telefone.  
ou significar algo como:  
(iii) Ouvi (x dizer) que o telefone estava tocando.
4. Nas orações semelhantes às de (8) e às de (9), mas que têm o verbo OUVIR, o significado de "percepção sensorial" continua presente:  
(iv) Ouvi que Paulo sairá logo.  
(v) Ouvi que seu argumento estava falho.  
havendo omissão de uma O encaixada, como mostrado em (iii).

5. Para uma análise mais detalhada dos pontos aqui citados ver nosso trabalho "Três Propostas de Análise do Verbo VER: Um Programa de Pesquisa" (1981).

---

BIBLIOGRAFIA

- ABBAGNANO, N. 1970. Dicionário de Filosofia. 1ª ed., São Paulo: Ed. Mestre Jou.
- BACON, J. 1978. "Seeing-of as Seeing-as", Manuscrito, vol. II, nº 1: 59-63.
- BORKIN, A. 1973. "To be or not to be", Papers of the Eleventh Regional Meeting of the Linguistic Society, vol. II: 44-45.
- CAPLAN, D. 1973. "A Note on the Abstract Readings of Verbs of Perception". Cognition, vol. 2, 3: 269-277.
- CHISHOLM, R. M. 1969. Teoria do Conhecimento. 1ª ed., Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- HACKING, I. 1978. Why does Language Matter of Philosophy? Cambridge: Cambridge University Press.
- HOOPER, J. 1975. "On Assertive Predicates" em Kimballed, Syntax and Semantics IV: 91-124.
- KANT, E. 1963. Critique of pure reason. London: MacMillan.
- LYONS, J. 1977. Semantics. vol.2, Cambridge: Cambridge University Press.
- LAKOFF, G. 1977. Linguistic Gestalts. Berkeley, University of California.
- LAKOFF, G. e Mark JOHNSON. 1980. Metaphors we live by. Chicago: The University of Chicago Press.
- NOBRE, M.C. de Argolo; Anna Rachel M. PAES DE BARROS e Leda V. TFOUNI. 1981. "Três Propostas de Análise do Verbo VER: Um Programa de Pesquisa". Trabalho não publicado.
- PAES DE BARROS, A.R.M. 1977. Aspectos da Complementação de uma Classe de Verbos de Percepção, Tese de Mestrado, UNICAMP, Campinas.
- PERINI, M.A. 1974. A Grammar of Portuguese Infinitives. Tese de doutoramento. The University of Texas, Austin.

- RIDDLE, E. 1975. "Some Pragmatic Conditions on Complementizer Choice". Papers of the Eleventh Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society, vol.II: 467-474.
- ROGERS, A. 1971. "Three Kinds of Physical Perception Verbs". Papers of the Seventh Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society, vol. 7: 206-222.
- RUSSELL, B. 1978. Significado e Verdade. 1<sup>a</sup> ed., Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- WIERZBICKA, A. 1976. "Mind and Body" em MacCawley, S. ed. Syntax and Semantics, vol. 7, Nova York: Academic Press: 129-157.